

*O navegar em geografias desconhecidas: a arte de viver e
contar paisagens*

*Navigating unknown geographies: the art of living and
narrating landscapes*

*Naviguer dans des géographies inconnues: l'art de
vivre et de raconter des paysages*

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos
Universidade Federal do Paraná
cecinelli@hotmail.com

Resumo

O artigo que segue trata das paisagens, e de alguns caminhos que a geografia vem trabalhando ao longo do tempo para lidar com essa categoria tão importante. Ao mesmo tempo são apresentadas fissuras e brechas nessa trajetória historiográfica da geografia para que abordagens artísticas sejam consideradas, e se tornem convites para se pensar outras geografias relacionadas às experiências criativas das pessoas. Geografias essas que deslocam a visão hegemônica (heteronormativa, branca e do norte global), que assumem a produção espacial atrelada a processos culturais e sociais, dissolvendo a dicotomia “humanidade versus natureza”, trazendo para outras perspectivas a tônica da *experiência* (BONDÍA, 2002) como ponto essencial para suas elaborações. Num convite rumo aos incógnitos (WRIGHT, 2014) em que podemos ver geografias por toda parte (COSGROVE, 2004), o artigo apresenta os caminhos àquilo que o autor denomina como *geografia das histórias contadas* - que relaciona arte de contar histórias com as experiências espaciais.

Palavras-chave: Paisagem. Geografia Cultural. Arte. Narração de Histórias.

Abstract

The following paper is about landscape and some pathways that geography has taken over time to address such an important category. At the same time, the cracks and gaps of such historiographic trajectory are unveiled to enable artistic approaches to surface and become an invitation to think about other geographies related to people’s creative experiences. Such geographies shift from a hegemonic view (heteronormative, white and from the global north), which assumes spatial production linked to cultural and social processes, thus dissolving the “human-nature” dichotomy, adding new perspectives to the trend of *experience* (BONDÍA, 2002) as an essential point for their elaborations. In an invitation towards the unknown (WRIGHT, 2014) in which we can see geographies everywhere

(COSGROVE, 2004), the paper provides pathways to what the author calls *storytelling geography* - relating the art of storytelling to spatial experiences.

Keywords: Landscape. Cultural Geography. Art. Storytelling

Resume

L' article qui suit traite des paysages et de quelques chemins que la géographie a travaillé au fil du temps pour traiter de cette catégorie si importante. En même temps, des fissures et des brèches sont présentées dans cette trajectoire historiographique de la géographie afin que les approches artistiques soient considérées et deviennent des invitations à réfléchir à d'autres géographies relatives aux expériences créatives des gens. Des géographies qui déplacent la vision hégémonique (hétéronormative, blanche et du nord global), qui assument la production spatiale liée aux processus culturels et sociaux, en dissolvant la dichotomie « humanité contre nature », en apportant à d'autres perspectives la tonique de *l'expérience* (BONDÍA, 2002) comme point essentiel de leurs élaborations. Dans une invitation à l'inconnu (WRIGHT, 2014) où nous pouvons voir des géographies partout (COSGROVE, 2004), l'article présente les chemins vers ce que l'auteur appelle *géographie des histoires racontées* – qui met en relation l'art de raconter des histoires avec des expériences spatiales.

Mots-clés: Paysages. Géographie Culturelle. Art. Récit d'Histoires

Introdução

Tenho, tive, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não sais de ti, não chegas a saber quem és, [...] (SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida. P.40)

Falar sobre as complexas relações entre espaços, paisagens, imaginações e imaginários pode ser comparada à saga do protagonista d'O Conto da Ilha Desconhecida de José Saramago. Na história do autor português, um homem pede um barco para o rei, porque deseja conhecer a Ilha Desconhecida, aquela que não se encontra nos mapas, nem nos relatos, tão pouco está anotada ou apontada em qualquer bibliografia, porque antes de tudo, é uma Ilha Desconhecida. Argumentar, afirmar, lutar e resistir são muitas das ações que o resiliente protagonista de Saramago precisa fazer para convencer o Rei, mais monarca que muitos monarcas. Uma vez com o barco, lhe faltam tantas outras coisas, inclusive parcerias e companhias. Mesmo desacreditado, o homem persevera e com a cumplicidade e companheirismo de uma mulher, segue rumo ao desconhecido - àquilo que não se sabe de antemão, mas se sabe fazendo. A comparação com esta narrativa vem do fato de que atualmente se vê uma urgente necessidade de debater sobre os aspectos imaginativos nas relações com as espacialidades e o quanto esses forjam, conformam e mesmo reconstróem as espacialidades em lugares, paisagens, e por que não, em território. Falar que os aspectos imaginativos precisam também ser considerados, torna-se lema importante para enxergar, trazer à tona e legitimar a interferência da subjetividade como também construtora, restauradora e implementadora de realidades, portanto, de relações com os espaços. Mas claro, com a devida atenção para não cair na

tentação de apenas falar sobre as questões imaginativas, sem considerar os contextos socioculturais que as estabelecem (COSGROVE, 2004).

Apontar para isso, inicialmente nesse artigo, vem para situar e nortear sobre o que será discutido. O primeiro momento tratará sobre uma breve trajetória da Geografia como campo de conhecimento científico e como desde a metade do século XX, elementos perceptivos e imaginativos foram sendo incorporados como elementos de análise, pontos de partida para investigações e mesmo como abordagens sobre a própria Geografia em si. Num segundo momento serão apresentadas problemáticas levantadas por alguns autores sobre a consideração da imaginação, percepção e mesmo da subjetividade como elementos. E num terceiro momento, talvez o esforço e exercício maior, tal qual o personagem principal de Saramago, que pode trazer à luz novos caminhos para se repensar relações entre campos do conhecimento que entrelacem geografias com a imaginação a partir da experiência artística, e, porque não se dizer, por Geografias das/com/nas Artes. Cabe ressaltar que, ao longo do artigo, para ser considerada a experiência do autor como contador de histórias, será usado o recurso de colocar entre parênteses, em itálico e em blocos de textos com recuos aumentados, para ali ser considerado um relato ou expressão de opinião em primeira pessoa, tal como:

(Vou falar assim mesmo em primeira pessoa para aproximar a ti leitor de um posto de vista em que a experiência possa trazer luz para a produção de outras conformações dos espaços)

As aventuras em busca de conhecer

A concepção da Geografia como ciência e campo de conhecimento propriamente dito, é relativamente recente. Nasce dos esforços de grupos de estudiosos, investigadores europeus do século XIX e início do século XX, que reúnem seus conhecimentos sobre os espaços que por eles foram estudados, observados e analisados. Dois dos grandes expoentes dessa geração são Karl Ritter e Alexander Von Humboldt, que fundam na Alemanha do século XIX o que viria a ser a Geografia como ciência. Posteriormente temos Vidal de la Blache, que sedimenta uma corrente em contraponto a apresentada por Ratzel. De todos os modos, a ciência geográfica apresentada por esses geógrafos estava a serviço de ideais estatais, tal como explicitado no título do trabalho de meados dos anos 1970 de Yves Lacoste, A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a Guerra (LACOSTE, 1988). O trabalho narra o florescimento de uma ciência que se finca entre o norte ocidental hegemônico do mundo, como ciência que auxilia nos processos geopolíticos e econômicos, ao trazer profundos conhecimentos sobre os territórios das nações, e dos espaços e mercados a serem conquistados ao longo do próprio século. Como diz Sauer em seu texto “Morfologia da Paisagem” (SAUER 1925/1998), inicialmente, como ciência, a Geografia estava relacionada com outros campos científicos focados sobre os estudos do solo, da superfície terrestre e das relações de interação do ser humano com o espaço, no sentido de corroborar e fortalecer o domínio dos grupos humanos que tinham acesso e poder sobre tais conhecimentos,

para continuarem dominando e transformando a “natureza” a seu favor, mantendo suas hegemonias sob o sul global e o Oriente. A Geografia, como ciência que ajuda e trabalha para a guerra, se mantém assim, inclusive colaborando para o expansionismo imperialista e colonial, como também na primeira e segunda guerras, seja trazendo o conhecimento e estudos sobre as possibilidades extrativistas dos países da África Ocidental colonizados pela França e Inglaterra, ou mesmo trazendo conhecimentos estratégicos para expansão e conquista das tropas Nazistas durante a II Guerra Mundial. Importante ressaltar aqui que essa produção de conhecimento científico está marcada profundamente por um saber oriundo do norte global ocidental. Isso forja, no sentido de marcar, conformar, toda uma perspectiva de uma hegemonia sobre uma ciência que fica destinada a estudar os espaços em sua materialidade, concretude e fisicalidade, a partir da relação do ser humano com o seu meio. Aliás, vira e mexe, ainda hoje é assim que é apresentada a Geografia como ciência nas escolas ou mesmo nas instituições acadêmicas: como ciência que estuda a relação do “homem” com o seu espaço. Uma definição que ainda privilegia e mantém essa perspectiva do norte global ocidental branco heteronormativo e patriarcal. Já ocorreram e ainda ocorrem rupturas e o surgimento de outras epistemologias dentro da Geografia, que problematizaram e seguem problematizando essa visão hegemônica, produzindo e criando outras Geografias. Tal qual o personagem de Saramago que segue em busca de sua ilha desconhecida, outras perspectivas da Geografia buscam também suas terras incógnitas (WRIGHT, 2014).

Aliás, John Wright com seu texto “Terra Incógnita”, apresenta um chamado, um convite para reflexão sobre um novo posicionamento diante do fazer geográfico. O autor clama por uma abordagem que pudesse se desatar das amarras positivistas tão embrenhadas no fazer científico. No final da década de 1940, Wright trazia o conceito de Geosofia, “como o estudo sobre o conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista” (WRIGHT, 2014, p. 14) e ao mesmo tempo clama por caminhos em que pudessem estar mais atrelados a epistemologias e pensamentos em que o fazer geográfico estivesse embebido e próximo a filosofia e a arte. A relação estabelecida aqui com este texto e o de Saramago não é em vão. Ambos traçam buscas por lugares desconhecidos a serem conhecidos, revelados e descobertos. Ambos clamam por novos aprendizados e maneiras de fazer. Porque ambos fazem um elogio mais à busca, ao processo do que exatamente ao alcance de um lugar.

Devo concluir expressando uma aspiração, bastante visionária, sem dúvida, e que não deve ser tomada muito literalmente. Minha aspiração é que um dia se estabeleça em algumas de nossas universidades, cadeiras de geosofia e geografia do conhecimento. O propósito seria aumentar a eficiência da pesquisa geográfica e da educação aumentando o seu escopo. (WRIGHT, 2014, p. 17)

A partir da metade do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a independência das ex-colônias francesas e inglesas na África, no campo Geográfico começam apontar perguntas e respostas preconizadas por Sauer (1925/1998). O autor, em seu texto de 1925, “Morfologia da Paisagem”, traz para a cena a discussão sobre

como aportar a paisagem - categoria que para ele é cara à Geografia - que pode ser analisada pelos seus aspectos físicos, no entanto também tem outras partes que devem ser consideradas, que são os aspectos culturais que configuram e transformam a paisagem, a partir do conjunto de ações, hábitos, costumes e modos de agir do ser humano na relação com o espaço, com o mundo (SAUER, 1925/1998, p.30). Cabe ressaltar que a visão de cultura na paisagem para Sauer ainda está permeada pelos aspectos materiais e objetivos, não sendo considerações da subjetividade relacional do elemento cultural para com ela. A prerrogativa de Sauer no pré II Guerra ganha consonância, reverberação e respostas, no sentido de se pensar outras possibilidades de Geografias que possam discutir os espaços a partir da relação ser humano com o seu meio.

Há um importante capítulo na trajetória da Geografia ocidental, que só será reconhecido depois de alguns anos, que é o lançamento na metade do século XX do livro “O homem e a Terra” do geógrafo francês Eric Dardel (2015), que tem tradução do professor Werther Holzer. Neste importante legado, pouco compreendido até hoje, Dardel nos traz inclusive outras formas de olhar para a própria Geografia, a sua história e quando propõe um outro fazer geográfico, como assim está escrito na carta de 12 de abril de 1952, do economista François Perroux:

Graças a vós adquiri uma noção da geografia para a qual não estava nem acostumado, nem preparado [...] Vossa obra nos ajuda a redescobrir as comunicações e as participações fundamentais que lançaram a geografia de velas desfraldadas para a aventura, e que sustentaram a pesquisa objetiva desses geógrafos científicos que não perderam o senso da poesia [...] Jamais, confesso, li uma história da geografia concebida como a descrição do despertar de uma consciência geográfica a partir das diferentes visões sob as quais aparece ao homem a feição da terra. (PINCHEMEL, 2015, p.157 *Apud* DARDEL)

Já com essa carta de Perroux entende-se, minimamente, o impacto desta obra de Dardel. Abre-se aqui um parêntese:

(eu mesmo tive contato com a obra de Dardel quando comecei a me aproximar da Geografia, já que estou e venho das Artes Cênicas. Aliás, foi o primeiro livro sobre Geografia, propriamente dito, que eu li. E foi uma grande ruptura com o meu pensamento sobre a ciência geográfica e de como eu a estigmatizava anteriormente. Me trouxe uma série de reflexões de como podemos abordar o nosso fazer e como podemos produzir o conhecimento. Lembro exatamente como as palavras de Dardel faziam todo o sentido conforme eu ia lendo e ia navegando. A leitura do livro foi realizada durante a minha viagem descendo o Rio Amazonas, desde Tabatinga até Belém...Era a fluidez da abertura e estreitamento do horizonte pelo grande Rio, o ir e vir dos dias, o céu que acompanhava a viagem, ou a viagem que acompanhava o

céu, a transposição para aquela paisagem das palavras do autor. Era ler e começar a reestabelecer um pensamento geográfico sobre o meu fazer nesta Terra, era ler e começar a semear possibilidades geográficas sobre a minha existência neste mundo, era ler e viver, este conceito trazido pelo autor, que é a geograficidade).

Dardel traz pressupostos e aberturas de reflexões e mudanças de paradigmas - assim como fez Sauer - que modificam o fazer geográfico. Por isso é importante ressaltar a introdução do conceito de geograficidade:

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

É dessa primeira surpresa do homem frente à Terra e à intenção inicial da reflexão geográfica sobre essa “descoberta” que se trata aqui, questionando a geografia da perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante. (DARDEL, 2015, p. 1 e 2)

Assim Dardel apresenta sua Geograficidade, como um conceito expansor de infinitas possibilidades do fazer geográfico, porque traz o questionamento a cada geógrafa ou geógrafo, a cada ser humano, em que tanto a construção do conhecimento e do pensamento se dá também por sua relação em sua existência nesta Terra. Que a existência pode ser grafada a partir da vivência daquela pessoa em seu existir neste planeta. A Terra como um lugar, como espacialidade de coexistência, não como um ente fora do ser humano, como um território a ser dominado e transformado a favor dos interesses puramente socioeconômicos, mas como uma espacialidade que se dá na relação entre a existência do ser e seu mundo circundante.

Dardel não se restringe em dissertar apenas sobre a trajetória da Geografia como ciência e trazer à luz um novo conceito, também apresenta novas concepções sobre uma das categorias mais caras, a paisagem:

Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos. [...] A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. (DARDEL, 2015, p.30 e 31)

Com suas concepções sobre a paisagem, Dardel traz uma nova e extremamente expandida perspectiva sobre essa categoria, antes mencionada por Sauer como uma das mais totalizantes para a Geografia, porque traz em si aspectos importantes para análise (SAUER, 1925/1998, p.12). Para Dardel, as relações afetivas, como se vive em termos de experiência de vida, as impressões sensíveis marcam e configuram o olhar para aquilo que se chama paisagem. O recorte do olhar para a realidade geográfica não se dá mediada por um conceito fechado: “Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização.” (DARDEL, 2015, p. 31)

Portanto, Dardel provoca uma ebulição e expansão do que foi dito por Sauer:

[...] uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (SAUER, 1925/1998, p.12).

Essa expansão inclui nos aspectos culturais, as diferenças de cada comunidade, grupo humano, mas também os indivíduos e suas subjetividades marcadas pelas suas afecções com os seus lugares. Não é mencionado por Dardel o conceito spinoziano de afeto em nenhum momento, mas quando ele fala de uma “limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p.31), tampouco se encontram citações em sua obra sobre quais seriam os conceitos de afeto e afecções das quais ele trata. No entanto, ao lidar com a obra de Spinoza para o presente trabalho, existe essa ponte de relação com o que foi apresentado por Dardel, para pensar sobre os afetos também. Pode-se encontrar ressonâncias no pensamento do filósofo holandês em sua Teoria dos Afetos quando diz: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2009, p.98). Partindo da concepção de afeto do Spinoza pode ser lida também, desta forma, sobre como se dá as relações existenciais entre ser humano e seus mundos circundantes.

Ao acrescentar o aspecto afetivo nas realidades geográficas, como capaz de produzir recortes, enquadramentos, discursos em estado de paisagem sobre os espaços, Dardel torna possível infinitos caminhos a serem percorridos por outras pessoas com seus respectivos olhares geográficos. Em meados do século XX, num mundo pós II Guerra Mundial, que vinha se reerguendo dos destroços, ao mesmo tempo em que novas hegemonias globais imperavam sobre os restos de países em cacos, apoiadas pelo uso e abuso exploratório de economias emergentes do sul do mundo, a visão de Dardel pode ser abraçada e acolhida pelo desejo de novas concepções geográficas. Soma-se a isto também construções de novas epistemologias que pudessem humanizar as ciências, criticando, por exemplo, uma geografia vigente que até então não lidava com grupos humanos para além dos interesses das suas ocupações e deslocamentos espaciais, através de dados quantitativos, e que pudessem assim trazer à tona análises e respostas qualitativas a processos espaciais. E assim entre o final dos anos 60 e início dos anos 90

surtem as Geografias Humanista, Fenomenológica e Cultural, que neste espaço de 30 anos começam a demarcar claramente seus caminhos e correntes epistemológicas, ao mesmo tempo em que trazem cruzamentos de ideias com fronteiras borradas entre si, onde os contornos são, muitas vezes, pouco precisos. No entanto isso não é exatamente um problema, e sim uma constatação que pode ajudar e auxiliar no fazer geográfico. Holzer (2008), ao se debruçar sobre a trajetória da Geografia Fenomenológica e Cultural, vê nessas fronteiras que se entrelaçam, atravessam ou mesmo se somam, uma possibilidade de dar conta das questões específicas de cada pesquisa e investigação em curso.

No caso deste artigo que aqui segue, a importância de fazer esse breve levantamento de uma trajetória de pensamentos geográficos que contextualizam o trabalho presente, está no esforço de situar os pontos de partida. Na segunda parte deste capítulo manteremos o foco sobre a categoria da paisagem e suas relações com os imaginários e a imaginação.

Paisagens e lugares labirínticos

Poderás dizer-me para que queres o barco, Para ir à procura da ilha desconhecida, Já não há ilhas desconhecidas, O mesmo me disse o rei, O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o comigo, É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo desconhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas [...] (SARAMAGO, 1998, p.27)

Desde 1925, com “Morfologia da Paisagem” de Carl Sauer e as aberturas expandidas de Wright e Dardel na metade do século XX, temos as possibilidades de encarar a Geografia com Geografias, no sentido plural mesmo. Dardel (2015) dá a chave nesse sentido ao apresentar seu conceito de geograficidade intrínseco às perspectivas de cada geógrafo, daquele que irá geografizar, libertando as amarras e engessamentos apresentados até então pela maneira de pensar positivista, sem querer de forma alguma desmerecê-la. Ao contrário, ao considerar a abertura proposta por Dardel, abrimos e expandimos as possibilidades de abordagens, sem diminuir ou depreciar outra, mas acolhendo aquelas que podem melhor dar conta epistemologicamente dos caminhos de pesquisa propostos. É o caso aqui. Evocados esses autores, eles abrem a possibilidade de se pensar a Geografia numa relação para/com/na Arte. Convocá-los para essa relação é tal qual num processo de geograficidade em arte, para se pensar numa Geografia das Artes, ou Geografia com Arte, ou mesmo, Geografia nas Artes. Em seus textos esses autores não explicitam isso exatamente, tampouco falam claramente numa Geografia das Artes, mas Wright menciona a possibilidade de se fazer uma geografia com mais arte (WRIGHT, 2014), Dardel expressa o desejo de que o fazer Geografia esteja mais próximo às subjetividades, existência, moral e estética (DARDEL, 2015).

(Abro outro parêntese, em que para um artista como eu, ler essas menções se tornam um verdadeiro chamado, uma convocação para seguir rumo àquilo que não se sabe por completo. Me reconheço no protagonista do conto da ilha desconhecida que tenta falar sobre algo que não se conhece por completo, que até agora se conhece como desconhecido. Mas não será esse o fascínio?)

Acrescenta-se a esse teor de fazer uma Geografia mais próxima das Artes, ou se não mesmo, com ela ou talvez nela mesma, a obra do geógrafo Yi-Fu Tuan. Aqui, neste texto, relaciona-se a perspectiva apresentada por Dardel quanto a sua geograficidade, ao elemento afetivo sobre os lugares proposto por Tuan quando discorre sobre sua Topofilia. O próprio diz:

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil, o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 2012, p.136).

O conceito de Topofilia é a abertura da percepção de que os afetos são marcantes para estabelecerem os vínculos entre as pessoas e os espaços que as circundam, definindo-os como seus lares, moradas, espaços estabelecidos como aqueles em que os afetos são vividos. E aqui entende-se por afetos tanto os alegres quanto os tristes, em que insegurança, medo, ódio, amor, carinho, tesão, raiva, ciúmes, inveja, são propulsores de criação de relações com espacialidades, que podem ser reconhecidas como *lugares*. A construção do lugar se dá como aquele espaço, dentro da realidade geográfica, estabelecido pelos afetos, quando ocorrido pela experiência do viver entre as pessoas e os seus entornos. O lugar se dando como possibilidade de nomear espacialmente a experiência do existir nos afetos. O lugar como acolhida no espaço daquilo que se experiencia em vida. Assim, os lugares são muitos e infinitos, porque se estamos de acordo com Tuan e Dardel, os lugares podem ser estabelecidos em conformidade com a geograficidade de cada um. Ao longo da existência de cada pessoa, ou mesmo de grupos humanos, os lugares são as realizações das experiências das geograficidades, transcritas nas realidades geográficas vividas.

Ao pensar o lugar caracterizado por Tuan como o espaço que ganha sentidos na realização da experiência, é preciso trazer também a definição de que experiência é essa. Em Espaço e Lugar (TUAN, 2013) o autor discorre sobre a perspectiva da experiência em relação ao lugar, o quanto a realidade geográfica é marcada pelo que é vivido no

sentido do aprendizado, em “aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto” (TUAN, 2013, p.18). Estar aberto à experiência implica em o ser humano estar atento ao convite do chamado da aventura e ao mesmo tempo aceitar o risco ao lançar-se, como presente nos mitos e narrativas das jornadas dos heróis (CAMPBELL, 1995). Nas estruturas das jornadas estão presentes, no início, sempre um chamado àquela personagem que irá se lançar em busca, que no fim será sobre a sua existência nesse mundo. Tal como o protagonista do Conto da Ilha Desconhecida que atende ao seu desejo de ir rumo à Ilha Desconhecida, ou tal como Luke Skywalker que atende ao chamado de uma princesa de uma galáxia muito distante. O convite de Tuan é um chamado para pensar esses espaços que são denominados pelas pessoas, a partir do que se experiencia, como “lugares” porque estão impregnados e imbuídos de percepções, sentimentos, emoções, memórias, narrativas vividas ali em algum momento ou período em suas vidas.

É importante chamar a atenção neste trabalho para o caráter experiencial com que lidamos com a realidade geográfica e o quanto isto configura espacialidades. Em corroboração com o que Tuan traz em suas definições de experiência e na consequente configuração do lugar, há também outras duas que se somam. Uma delas é da experiência, que traz em si a realização da existência com toda a sua potência, tal qual fala Jorge Larrosa, em consonância com Tuan. É da experiência que funda o existir do ser humano, que traz a vivência e sentidos para a vida em si mesma.

[...] nisso de “podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”, pode-se ler outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (LARROSA, 2002, p.25-26).

Larrosa tem em sua leitura sobre a experiência o que diz Martin Heidegger, por isso mesmo o cita em seu trabalho “Notas sobre a experiência”.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, p.143)

A transposição para a perspectiva geográfica das noções de experiência de Heidegger e de Larrosa, relacionadas às ideias de lugar de Tuan, que estão vinculadas aos afetos, e imbuída do conceito de geograficidade de Dardel, ganha-se um contorno teórico para seguir adiante a um ponto que é importante. O ganho está em dar a devida importância, tão valorizada por Tuan em seu trabalho, e que aqui será mais realçada quando somada às artes mais à frente. Mas antes de ir a este ponto, é necessário tecer as devidas considerações sobre a paisagem.

Ambas as categorias, paisagem e lugar, na perspectiva da Geografia Humanista Cultural, têm nos vínculos afetivos entre pessoas e as suas realidades geográficas o ponto em comum, o que torna muito difícil defini-las, precisa e paradigmaticamente, ao estudar ambas. Muitas das vezes o que se diz sobre o lugar ou mesmo sobre a paisagem se mistura, caindo num emaranhado conceitual, como se há muitos lugares nas paisagens ao mesmo tempo em que podemos pensar que há paisagem no lugar. Quando anteriormente há o recorte conceitual dizendo que o lugar está como esta espacialidade, esta realidade geográfica, que traz consigo os contornos, percepções, lembranças e memórias das pessoas com os espaços, marcados pelos vínculos afetivos, também se pode dizer o mesmo sobre a paisagem. E por isso mesmo há uma grande dificuldade em diferenciá-las. O que não necessariamente é um problema e impedimento. A dificuldade pode muito mais dizer sobre essa relação processual que se dá na conformidade com o espaço, do que uma relação pragmática e delimitadora. Dardel diz sobre a paisagem:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. [...] A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. (DARDEL, 2015, p.30 e 31)

O conceito expandido de paisagem, para Dardel, apresenta a possibilidade de ter o *lugar* presente no que será denominado paisagem. Como dito pelo autor, não é exatamente uma espacialidade na realidade física que é uma paisagem, mas o olhar, a percepção, a imaginação e o que se produz de narrativa sobre o que se configura como uma paisagem. O que vai ao encontro com as definições apresentadas por Giuliana Andreotti ao apresentar sua paisagem cultural, que recebe definição de que é aquela que não necessariamente está relacionada exclusivamente com o conteúdo objetivo, mas que recebe interferências subjetivas das perspectivas da experiência existencial, individual ou coletiva, de quem está em relação (ANDREOTTI, 2013).

Do mesmo jeito que Andreotti faz essa “cesura”, como ela mesma escreveu, entre essas duas definições de paisagem, o grupo de pesquisa Pagus – Laboratório da Paisagem, liderado pelo professor Roberto Verdum do Departamento de

Geografia/Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também traz uma diferença que se assemelha a apresentada anteriormente que encontra ressonâncias com as aberturas propostas por Dardel. A Pagus, entre seus pesquisadores, trabalha com dois grandes grupos de abordagem e suas variáveis sobre a paisagem. Um que irá trabalhar com a ideia da paisagem concreta, aquela que está ali visível “como o resultado das marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo”, e a paisagem fenômeno que é aquela que compreende que essa “[...] leitura da paisagem é uma construção contínua social e ao mesmo tempo particular, onde se sobrepõem a identidade, os conhecimentos, a memória e os sentimentos de cada pessoa, associados ao processo cultural que remete à organização coletiva em que estamos inseridos, com toda sua carga simbólica” (VERDUM, 2016, p 132 e 133).

Tanto os pesquisadores da Pagus quanto Giuliana Andreotti seguem a mesma linha de raciocínio expressada anteriormente por Carl Sauer (1925/1998), que divide em duas possibilidades de abordagem para a paisagem: a Paisagem Natural e a Paisagem Cultural. No mesmo texto, Sauer salienta o quanto a paisagem em si se torna como unidade de análise, uma das marcas sobre o objeto que muitas das vezes a ciência geográfica vai se debruçar. Tal importância não soluciona completamente o problema anterior, o de pensar nas diferenças entre lugar e paisagem pelas perspectivas aqui apresentadas, que não sejam as de pensar a paisagem natural (SAUER), concreta (VERDUM) ou mesmo geográfica (ANDREOTTI), mas a relevância dada por Sauer e assim como todos os outros geógrafos ao caráter descritivo que está implícito à paisagem.

Narrar a experiência em paisagem

E a ilha desconhecida, perguntou o homem do leme, A ilha desconhecida é coisa que não existe, não passa duma ideia da tua cabeça, os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declararam que ilhas por conhecer é coisa que se acabou desde há muito tempo. (SARAMAGO, 1998, p.56)

A ideia de paisagem surge no ocidente Europeu, durante o Renascimento, entre os séculos XIV e XV, quando o ser humano ocidental consegue ver descolada a sua existência no espaço. Não é à toa que surgem as primeiras obras de arte em que o ponto de fuga dá perspectiva e profundidade, tridimensionalizando uma imagem desenhada ou pintada, que é bidimensional e representativa da realidade. No Oriente, mais precisamente no que se conhece como China hoje em dia, a ideia de paisagem surge no século IV num poema em que deflagra a sensação de contemplação sobre um lugar, sua descrição e o sentimento causado (BERQUE, 2016).

A partir disto, pode ser dito que a paisagem, numa perspectiva cultural, será o lugar que se estabelece a partir dos afetos, sentimentos, percepções, memórias e vínculos, e que ganha a sua realidade geográfica, tal como paisagem, a partir da

descrição (e porque não, narração?). Será a paisagem a possibilidade de reunir por meio de suas imagens os resquícios das relações entre pessoas e seus lugares?

As complicadas e labirínticas relações que a subjetividade traz para a discussão geográfica da paisagem, e mesmo sobre o lugar, são apresentadas pelos autores anteriormente citados. Todos problematizam a dificuldade de considerar, por parte do campo do conhecimento geográfico, a subjetividade como elemento de análise. Como se a pouca ou nenhuma materialidade deste elemento anulasse a capacidade de análise ou mesmo apreensão do fenômeno (MACIEL, 2009). O que torna esse tipo de abordagem, sempre um esforço, luta e resistência para se afirmar e se dizer tal como Wright e Dardel propuseram, como outras possibilidades de fazer geografias, ou de se acolher a ideia de que a geografia está por toda parte (COSGROVE, 2004).

Portanto, isso traz uma liberdade com rigor e critério, pois ao serem consideradas as geografias que são feitas pelas pessoas a partir de suas perspectivas, levando em consideração suas experiências existenciais, seus contextos de vida, percepções, descrições, isso implica nas suas narrativas sobre as inúmeras formas de viver e habitar o mundo (LINDÓN, 2012). As narrativas trazem consigo a capacidade de descrição das paisagens e dos lugares, carregadas de percepções, sentimentos e problemáticas das pessoas nas relações com suas realidades geográficas. Nelas são deflagradas as contradições, problemas sociais, as criações de auto-imagem, como se percebe o mundo, mesmo que a realidade física mostre o contrário. São nas narrativas das pessoas ao comporem sobre o habitar o mundo, que surgem nas entrelinhas as narrativizações (LINDÓN, 2012, p.78), de caráter hegemônico, ao estabelecer visões que nublam, cegam e deturpam a própria realidade. As narrativizações podem gerar paisagens sobre os lugares que as pessoas vivem que não condizem com as realidades, podem gerar sentimentos de medo, insegurança, temor e ações de abandono, negligência. Por exemplo: quando uma região periférica do Rio de Janeiro, como o bairro de Vila Kennedy, é conhecida por sua pobreza, violência e guerra de tráfico, e mesmo assim, as pessoas que ali vivem, descrevem e contam suas histórias de vida com imenso carinho, apesar de todos os problemas, vivendo em resiliência com o contexto social de negligência do Estado. Mas a narrativização sobre as pessoas e as paisagens daquele lugar se tornam senso comum, para manter hegemonicamente o lote de terra e mão de obra baratos, para que a cidade siga segregada em detrimento da especulação imobiliária. Em contraponto, na mesma cidade do Rio de Janeiro, o bairro do Leblon é conhecido por suas belas paisagens que povoam o imaginário através das músicas e telenovelas, mas pouco se fala das favelas do Leblon e dos *apartheids* sociais vividos por essas populações num dos bairros mais caros do Rio de Janeiro e do Brasil. Não seria o caso de escutar as narrativas dessas pessoas, em contraponto às narrativizações construídas previamente? Como são vistas suas paisagens? Do que se configuram essas paisagens? Quais os elementos e sentimentos que estão vinculados? Quais são as suas perspectivas do mundo que vivem?

Considerações finais

Se a paisagens, *landscape* (em inglês), *paysage* (francês), *paisaje* (espanhol) carregam nos significados das palavras a noção de um recorte, uma síntese de uma terra, do país, do território, numa dimensão ampla sobre uma realidade geográfica, ao serem encaradas e consideradas as muitas, diversas e divergentes perspectivas das pessoas sobre suas localidades, sobre seus lugares, que paisagens são vistas? Que paisagens são reconhecidas, formuladas, forjadas, diante das experiências e sentidos de vida dessas pessoas?

Com certeza o imaginário - este arcabouço, conjunto de imagens, ideias, sons, memórias, sonhos individuais e coletivos, constituído culturalmente - alimenta, influencia, modifica, distorce e reconhece ao descrevermos o que vemos, o que lembramos sobre as paisagens vividas. As paisagens descritas também se tornam frutos dessas paisagens imaginadas, imbuídas das dimensões sensoriais, perceptivas, afetivas do coletivo e de cada pessoa. “Impossível eliminar de seu “objeto” qualquer valor moral ou estético. Impossível, a partir do observador, suprimir inteiramente o ‘ponto de vista’ de onde abarca a realidade geográfica, de apagar consequentemente a subjetividade do sujeito para quem a realidade se torna realidade.” (DARDEL, 2015, p. 86 e 87).

(No convite/chamado dado por John Wright por uma geografia que pudesse se relacionar com outros campos e áreas do conhecimento, ou por uma “inquietação geográfica que precede e sustenta a ciência objetiva”, me sinto impelido a pensar em uma geografia das artes, ou com as artes ou nas artes. Mais precisamente, a pensar na capacidade narrativa ligada ao processo constitutivo da paisagem, por uma Geografia das histórias contadas, uma vez que temos na Geograficidade o acolhimento da perspectiva da experiência do existir daquele que faz do seu grafar nesta Terra, a sua realidade geográfica. Por que não considerar este fazer geográfico, imbuído dos sentidos de geograficidade por uma Geografia das/com/nas Artes que abra a possibilidade de considerar a experiência estética como forma, meio e caminho de análise da experiência espacial a partir da narração de histórias? Que outras ilhas geográficas desconhecidas sejam navegadas.)

Referências

ANDREOTTI, Giuliana. *Paisagens Culturais*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BERQUE, Augustin. *La pensée paysagère*. Bastia: Éditions Éoliennes, 2016

BONDÍA, Jorge Larrosa (2002). *Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência* – in Revista Brasileira de Educação n° 12.

COSGROVE, Denis. A geografia está por toda parte, In: CORRÊA, Roberto Lobato; HOSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *La esencia del habla*. In: *De camino al habla*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987

HOLZER, Werther. *O Lugar na Geografia Humanista*. In: *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI* tese apresentada à FFLCH USP, 1998.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista: uma revisão*. In: Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, edição comemorativa 1993 a 2008, p. 137 – 147

LINDÓN, Alicia. *Geografías de lo imaginário o la dimensión imaginaria de las geografías del Lebenswelt?* In: LINDÓN, Alicia e HIERNAUX, Daniel (orgs). *Geografías de lo imaginário*. Madrid: Anthropos, 2012.

MACIEL, Caio. (2009). *Morfologia da Paisagem e Imaginário Geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica*. GEOgraphia.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998

SAUER, Carl O. *A Morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; HOSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, 2009.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia – Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EDUEL Editora, 2012

TUAN, Yi-fu, *Topofilia – Espaço e lugar – a perspectiva da experiência*. Londrina: EDUEL Editora, 2013

WRIGHT, John. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography* – Revista Geograficidade, volume 4, número 2 2014.

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, Especialista em Arte, Imaginário e Psicologia Junguiana pela PUC RIO, e graduado em Artes Cênicas com Habilitação em Interpretação pela Escola de Teatro da UNIRIO.

Rua Professora Maria José Godoy, 260 apto 12 – Bom Retiro, Cep: 80520-220, Curitiba - PR.

E-mail: cecinelli@hotmail.com

Recebido para publicação em março de 2021.

Aprovado para publicação em junho de 2021.